

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
CURSO DE ARTES VISUAIS-LICENCIATURA

ANA BEATRIZ PEREIRA

FOTOGRAFIA E IDENTIDADE: NARRATIVA DO SUJEITO A PARTIR DO AUTORRETRATO

CRICIÚMA

2024

ANA BEATRIZ PEREIRA

FOTOGRAFIA E IDENTIDADE: NARRATIVA DO SUJEITO A PARTIR DO AUTORRETRATO

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de licenciatura, no curso de Artes Visuais-Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof. Ma. Bruna da Silva Ribeiro

CRICIÚMA

2024

ANA BEATRIZ PEREIRA

FOTOGRAFIA E IDENTIDADE: NARRATIVA DO SUJEITO A PARTIR DO AUTORRETRATO

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura, no Curso de Artes Visuais-Licenciatura Da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos, Poéticas e Educação.

Criciúma, 25 de novembro de 2024. (data da defesa)

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Ma. Bruna da Silva Ribeiro - Mestra - (UDESC) - Orientadora

Prof^a. Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato - Doutora - (UNISUL)

Prof^a. Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva - Mestra - (UNESC)

A minha mãe e ao meu pai.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família, que com amor e incentivo sempre esteve ao meu lado, acreditando no meu caminho na arte, apoiando minha escolha de seguir a minha trajetória no curso de Artes Visuais Licenciatura. A vocês que sempre estiveram ao meu lado, todo meu agradecimento. Agradeço a mim mesma, por cada passo firme e pela força de não desistir dos meus ideais. Esta caminhada se torna ainda mais significativa com minha orientadora Bruna da Silva Ribeiro, obrigada por acolher essa pesquisa, por cada conselho e por caminhar ao meu lado me inspirando e iluminando meu percurso nesta pesquisa. Deixo também minha gratidão ao curso de Artes Visuais - Licenciatura da UNESC, que ao longo dos anos fortaleceu minha certeza e pela docência, mantendo minha convicção de que o ensino é o caminho onde quero estar. Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer meus amigos que fiz durante minha trajetória acadêmica e que estiveram ao meu lado e não soltaram minha mão neste percurso da graduação.

"Quem olha para fora sonha, quem olha para dentro desperta."

Carl Jung

RESUMO

A presente pesquisa investiga como o autorretrato fotográfico atua como uma linguagem artística na formação da identidade e do autoconhecimento, promovendo a sensibilidade e a capacidade dos sujeitos de reconhecerem suas origens e o espaço que ocupam no mundo. O estudo questiona de que modo a fotografia pode contribuir para o desenvolvimento da narrativa do sujeito, auxiliando-o a construir uma compreensão de si e de sua relação com o mundo. O objetivo é analisar como o processo de criação do autorretrato fotográfico pode ser um meio de auto descoberta, refletindo a identidade como algo em constante transformação. Para a realização desta pesquisa foi adotado uma linha de natureza básica, qualitativa e descritiva, segue a linha de Processos, Poéticas e Educação do curso de Artes Visuais - Licenciatura, apoiando-se em pesquisa bibliográfica e a/r/tográfica. A pesquisa apoia-se em autores como Stuart Hall (2001), Ecléa Bosi (2001), Katia Canton (2009a; 2009b), Michel Foucault (2004), René Huyghe (1968), Platão (2000), Brasil (2018), entre outros, para suporte teórico, e em artistas como Frida Kahlo, Rembrandt, Cindy Sherman, Vivian Maier, Lourdes Colombo e Renata Barros para um apoio visual e artístico sobre as diversas manifestações de autorretrato. Em suma o autorretrato fotográfico permite aos sujeitos uma introspecção que vai além da aparência física, articulando identidade e memória, essa prática oferece uma oportunidade para o registro e a reflexão sobre o "eu" em transformação, mostrando que o autorretrato não se limita a um produto final, mas envolve um processo introspectivo e reflexivo.

Palavras-chave: Fotografia; Autorretrato; Identidade; Memória; Arte.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - A minha Ama e Eu - Frida Kahlo	27
Imagem 2 - As duas Feiras - Frida Kahlo	28
Imagem 3 - A coluna partida - Frida Kahlo	29
Imagem 4 - Auto-retrato jovem - Rembrandt	31
Imagem 5 - Autorretrato com dois círculos - Rembrandt	32
Imagem 6 - Sem título #465 - Cindy Sherman.	37
Imagem 7 - Sem título #359 - Cindy Sherman.	38
Imagem 8 - Auto-retrato - Vivian Maier.	39
Imagem 9 - Auto-retrato - Vivian Maier	40
Imagem 10 - Reflexos - Lourdes Colombo	42
Imagem 11 - Clonagem - Renata Barros	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	METODOLOGIA.....	12
1.2	DISPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS.....	14
2	FORMAÇÃO DO SUJEITO: IDENTIDADE, MEMÓRIA E ARTE.....	17
2.1	MEMÓRIA E IDENTIDADE.....	17
2.2	ARTE NA FORMAÇÃO DO SUJEITO.....	20
3	CONCEITO DE AUTORRETRATO.....	25
3.1	AUTORRETRATO NA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA.....	34
4	CONHECE-TE A TI MESMO.....	46
4.1	O ATO DE FILOSOFAR, AUTOIMAGEM, FOTOGRAFIA.....	47
5	PROJETO DE CURSO.....	50
6	CONCLUSÃO.....	55
	REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender como a arte trabalha na narrativa do sujeito, especificamente como a fotografia pode ser uma linguagem na construção de autorretratos compreendendo questões de identidade e memória. Por meio desta pesquisa, proponho investigar como o autorretrato pode ser uma linguagem artística valiosa na formação de sujeitos sensíveis, que compreendam de onde vieram e onde estão.

A arte na formação do sujeito é um tema que brota de vivências escolares e surge da percepção de que, durante o período letivo, os educadores frequentemente abordam a importância de olhar para o próximo, mas negligenciam a essencial auto reflexão que cada aluno deveria realizar, para entender o outro, é imprescindível que o sujeito primeiro se conheça. Ao decorrer da minha vida fui percebendo que não me conheço, em situações como perguntas em entrevista de emprego como, citar três defeitos e qualidades ou quando pedem pra eu falar um pouco de mim, percebi que não sei responder sobre mim mesma, ou só quando pedem pra falar sobre mim, é como se eu não soubesse quem eu sou.

Esta pesquisa busca compreender como a arte trabalha na narrativa do sujeito, especificamente como a fotografia pode ser uma linguagem na construção de autorretratos compreendendo questões de identidade e memória. Neste contexto, o problema central desta é: **De que forma a fotografia contribui para o desenvolvimento da narrativa do sujeito e a construção da identidade, articulando a consciência de si com sua relação com o mundo?** A partir desse questionamento, surgem outros que orientam a investigação: **Como a arte pode atuar como guia, explorando a conexão entre a máxima "Conhece-te a ti mesmo" e a formação do sujeito? De que modo o autorretrato fotográfico pode ser aplicado na educação para promover o autoconhecimento e a compreensão da identidade?**

Esta pesquisa propõe como o autorretrato na linguagem utilizando da linguagem fotográfica atua como um ponto de partida no entendimento da formação identitária e do autoconhecimento. Essa prática contribui para a construção da narrativa pessoal ao auxiliar na elaboração de uma compreensão mais profunda do "eu" e de sua relação com o mundo ao redor. O processo de criação do autorretrato fotográfico se apresenta como um meio de autodescoberta, evidenciando a identidade como algo dinâmico e em constante transformação. Mais do que capturar uma aparência física, o autorretrato cria um diálogo entre as memórias e as mudanças pessoais ao longo do tempo. Nesse contexto, a prática se torna um espaço de reflexão, onde o sujeito se observa sob novas perspectivas e explora diferentes aspectos do seu "eu".

O objetivo principal desta pesquisa é investigar como o processo de criação do autorretrato fotográfico contribui para o entendimento da formação do sujeito enquanto identidade, utilizando a linguagem fotográfica que está bastante presente no cotidiano, especialmente entre os jovens, ressaltando que o objetivo da pesquisa não é sobre o resultado final do autorretrato, mas sim o processo de criação que leva a esse resultado. Outros objetivos que irão compor essa pesquisa é analisar como o processo de criação de autorretratos pode ser um meio de autodescoberta e da identidade como algo em constante mudança, levando em conta o aspecto temporário da fotografia, que registra um momento já passado, em constante mudança, assim como o próprio sujeito, trazendo o contrastante movimento. Compreender e investigar como a fotografia, por meio do autorretrato, pode atuar como uma linguagem artística valiosa na construção da identidade e da memória, ampliando a percepção do sujeito sobre si mesmo e sua relação com o mundo. A pesquisa também se propõe a investigar como o autorretrato fotográfico pode ser utilizado na educação para promover o autoconhecimento e a consciência de si, possibilitando uma reflexão sobre a identidade e a relação com o mundo.

A frase "Conhece-te a ti mesmo", atribuída a Sócrates, traz uma reflexão sobre quem somos e como nos posicionamos no mundo. A arte, nesse contexto, age de modo norteador, permitindo que o sujeito explore sua identidade e construa uma narrativa pessoal. A fotografia, enquanto linguagem contemporânea, oferece ao sujeito a oportunidade de capturar e refletir sobre sua própria imagem.

1.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa busca explorar como a arte, especialmente através da fotografia e do autorretrato, contribui para a construção da narrativa do sujeito, abordando questões de identidade e memória. O objetivo é compreender o papel do autorretrato fotográfico na formação de sujeitos sensíveis, que, ao olhar para si mesmos, reconheçam suas origens e seu lugar no mundo. A reflexão sobre o autoconhecimento, segue um caminho também filosófico na máxima socrática "Conhece-te a ti mesmo", reforçando a importância de que, para entender o outro, o indivíduo deve primeiramente se conhecer. Este trabalho surge da percepção de que a educação frequentemente valoriza a empatia e o olhar para o próximo, mas muitas vezes negligencia a autorreflexão do próprio "eu".

Nesse contexto, a pesquisa se insere na linha de pesquisa do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNESC, intitulada "**Processos, Poéticas e Educação**", visando a criação, o fazer e as linguagens no campo da educação, que abrange o estudo dos elementos e processos de criação, reflexão e poéticas das artes visuais. Este estudo propõe investigar como o processo de criação do autorretrato fotográfico, mais do que o produto final, pode ser uma prática de autodescoberta, permitindo que o indivíduo capture aspectos de sua identidade em constante transformação. Assim, a pesquisa analisa como essa prática pode ser utilizada no contexto educativo para promover a auto exploração e a consciência

de si, incentivando uma reflexão profunda sobre a identidade e a conexão do sujeito com o mundo ao seu redor.

Este trabalho caracteriza-se como uma **pesquisa básica**, com objetivo de gerar novos conhecimentos relevantes para o avanço da ciência, sem previsão de aplicação prática imediata, e que abrange verdades e interesses universais. A pesquisa realizada adota uma **abordagem qualitativa**, considerando que consiste em um diálogo entre o mundo real e as subjetividades do sujeito, algo que vai além do que não pode ser qualificado em números. “[...] A pesquisa qualitativa ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e as suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes.” (Godoy, 1995, p. 21). Através de uma **abordagem descritiva**, busca-se explorar as nuances do processo do que é fundamental para a compreensão das inter-relações entre identidade, memória e a construção do sujeito na fotografia e na arte.

As pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados. (Gil, 2008, p. 50).

Ela é descritiva porque busca observar e detalhar como a fotografia e o autorretrato podem contribuir para a construção da identidade e da autoimagem dos indivíduos, especialmente no contexto educativo. Isso envolve uma análise dos processos que ajudam o sujeito a entender sua identidade e relação com o mundo, e não apenas o resultado final do autorretrato.

O presente trabalho tem como base uma linha **pesquisa bibliográfica**, com o objetivo de fundamentar de modo teórico o estudo sobre autorretrato fotográfico e identidade na construção do eu. Através de uma análise de fontes teóricas e artísticas, como livros, artigos científicos, teses e artistas que

contribuem para o desenvolvimento do tema, a pesquisa bibliográfica serve como base para estabelecer um diálogo entre as reflexões abordadas nesta pesquisa e fontes acerca do tema já existentes.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. (Gil, 2008, p. 50).

Em suma, desta maneira será possível desenvolver uma análise crítica e fundamentada de como autorretrato fotográfico pode ser um ponto de partida para a percepção que o sujeito tem de sua própria identidade.

Seguindo a metodologia **a/r/tográfica** que segundo Dias e Irwin (2013, p.24) "O ponto crítico da a/r/tografia é saber como desenvolver inter-relações entre o fazer artístico e a compreensão do conhecimento." Isto é, como articular essas inter-relações entre o fazer artístico e a construção do saber.

A a/r/tografia é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momentos de mestiçagem ou hibridação. A/R/T é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador), Teacher (professor) e graph (escrita/representação). (Dias e Irwin, 2013, p.25).

Esta metodologia propõe uma abordagem de forma híbrida a prática artística, a pesquisa e o ensino, permitindo que esses três campos se entrelaçam de maneira fluida. A a/r/tografia não separa texto e imagem, mas promove a relações entre essas formas de expressão, criando um espaço de diálogo que valoriza tanto a criação visual quanto a produção escrita.

1.1 DISPOSIÇÃO DOS CAPÍTULOS

Esta pesquisa está organizada em seis capítulos, cada um estruturado para explorar os diversos aspectos para a produção do autorretrato fotográfico e seu papel na construção da identidade.

Para dar início a este trabalho, o segundo capítulo desta pesquisa, intitulado *Formação do Sujeito: Identidade, Memória e Arte*, será discutido o conceito de identidade e como a memória se faz presente nesse contexto. Para falar sobre identidade, serão apresentados as contemplações de Stuart Hall (2001) e Katia Canton (2009a). Para contextualizar a memória, serão abordados os trabalhos de Ecléa Bosi (2001) e Maurice Halbwachs (2003). Mais adiante neste capítulo, partindo das definições e pontos anteriores referente a identidade e memória, irei articular como a arte, especificamente a linguagem fotográfica, contribui para a formação do sujeito, dialogando a identidade e a realidade, e promovendo uma reflexão pessoal, e para tal articulação irei trazer autores como René Huyghe (1968), Ferraz e Fusari (2009), Fontcuberta (2014), Berger e Luckmann (2004), Rauen e Momoli (2015), Azinheiro (2014) e Abreu (2011).

O terceiro capítulo, *Conceitos de Autorretrato*, em primeiro lugar trarei o conceito do autorretrato de modo abrangente, trazendo conceitos de autorretrato dialogando com outros autores como, Katia Canton (2009b) e Michel Foucault (2004), juntamente com dois artistas que em meio aos seus trabalhos produziram autorretratos, sendo eles Frida Kahlo e Rembrandt, ressalto que não busco seguir uma ordem cronológica ou de importância histórica, meu principal foco nesta pesquisa é trazer artista que abordam em seus autorretratos suas identidades, sua história, suas vivências. Neste mesmo capítulo, trarei um subcapítulo abordando especificamente o autorretrato fotográfico, seguindo um olhar contemporâneo sobre essa prática do autorretrato, dialogando com as questões de identidade, partindo disso trarei as

fotógrafas Vivian Maier e Cindy Sherman e uma introdução da exposição *Auto-retrato, Espelho de artista*, com curadoria de Katia Canton.

Na sequência desta pesquisa, no quarto capítulo, *Conhece-te a ti mesmo*, explora prática do autorretrato como um meio de investigar a identidade e a busca pelo autoconhecimento, estabelecendo um diálogo com a máxima atribuída a Sócrates, "Conhece-te a ti mesmo", trazendo contribuições de Platão (2000). Partindo das reflexões de Stuart Hall sobre a identidade fragmentada, bem como das ideias de autores como Ivanilde A. De Oliveira (2006) sobre o ato de filosofar e Canton (2009a) no ato do ser humano se fazer presente no mundo, dialogando como o autorretrato permite ao sujeito se exteriorizar e refletir sobre sua própria existência. Ao mesmo tempo, o foco desta análise não está em desvendar o conceito filosófico em profundidade, mas em usar a filosofia como uma lente para explorar a construção da autoimagem.

O quinto capítulo apresenta um projeto de curso que propõe uma prática voltada para o trabalho com o autorretrato fotográfico, direcionada a professores. Para contextualizar, trarei uma passagem de René Huyghe (1968) com relatos de alunos sobre o processo de criação do autorretrato, dialogando com minha experiência em sala de aula, que evidenciou a ausência de momentos de autorreflexão. Esse projeto é fundamentado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando a importância do autoconhecimento como um aspecto essencial na formação integral do sujeito.

Finalizando essa pesquisa, o último capítulo será a conclusão, onde serão abordadas as considerações feitas ao final da minha pesquisa.

2 FORMAÇÃO DO SUJEITO: IDENTIDADE, MEMÓRIA E ARTE

Antes de iniciar a pesquisa sobre identidade, memória e arte, é importante discutir o que é a formação do sujeito. Isso nos permitirá entender o papel da arte na formação desse sujeito e como a identidade e a memória contribuem para esse processo.

A autoimagem, destaca-se como um ponto de partida fundamental para a reflexão da identidade, do meu "eu", vale ressaltar que ao falar do "eu", não estou falando de forma física, mas sim da identidade da pessoa, o que forma ela. Identidade e memória, nesse contexto, interagem profundamente, uma vez que a arte permite revisitar experiências passadas a partir da minha visão presente. Para entender quem sou, quanto identidade, preciso resgatar o meu passado.

A jornada pela compreensão da formação do sujeito é um processo contínuo que envolve tanto a construção de sua identidade quanto o resgate de memórias que moldam seu "eu". A arte, nesse contexto, conecta o passado e o presente, permitindo uma reflexão mais profunda sobre quem somos. Assim, a autoimagem abre caminho para explorar reflexões sobre identidade e memória, revelando as camadas subjetivas que definem nossa identidade além da simples aparência física.

2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE

Muito se fala sobre autorretrato, mas raramente buscamos compreendê-lo em sua profundidade. Neste capítulo, irei explorar as concepções que compõem uma autoimagem, como a identidade e a memória. Tratarei esses dois termos de forma interligada, pois acredito ser impossível falar de identidade sem falar sobre as memórias.

Uma vez ouvi que "nunca nos olhamos no espelho duas vezes". Isso é, estamos em constante transformação, o "eu" que se olhou no espelho ontem não é o mesmo "eu" que se olha hoje. Essas mudanças não precisam ser grandiosas ou visíveis, a cada dia, hora ou minuto, adquirimos novos conhecimentos, ampliamos nossa bagagem e criamos novas memórias.

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado [...] Por mais nítida que nos apareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (Bosi, 2006, p. 55).

Desse modo podemos perceber que nossa identidade não é algo fixo. Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade* (2005) destaca sobre a "crise de identidade", sobre uma "identidade fragmentada", isto é, o sujeito não tem mais uma identidade sólida. Com a mudança de tempo as concepções que antes formavam uma cultura, uma identidade fixa foi mudando durante os séculos, isso fez com que ocorresse o que o Hall chama de "deslocamento" do sujeito.

Bosi irá contribuir afirmando que:

Não há evocação sem uma inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de de sair das determinações atuais. [...] Sem o trabalho da reflexão e da localização, seria uma imagem fugidia. O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reaparição. (2006, p. 81).

O sujeito que não conhece seu passado, não sabe quem é hoje, para entender *quem sou*, preciso saber *quem fui*.

A pesquisa sobre identidade surgiu a partir de um incômodo, as pessoas ao meu redor sempre tem um juízo sobre mim, mas depois que me conhecem desmistificam seus entendimentos, seus comentários sempre partiam de algumas características que consideram marcante em mim, como o modo que visto, falo ou como me comporto em determinadas situações.

Essas características que as pessoas veem em mim, fala sobre o lugar de onde vim e o modo como fui criada e das bagagens que adquiri dos meios sociais em que vivo. Segundo Canton (2009a, p.16) "Somos cada um de nós e somos também os outros, as alteridades, tudo aquilo com que nos relacionamos". O sujeito se forma a partir do outro, nas suas convivências. A identidade fragmentada é um reflexo dessas múltiplas interações, visto que a identidade do sujeito não está apenas atrelada às características individuais, mas também à memória, que é tanto coletiva quanto individual. Halbwachs (2003), argumenta que o indivíduo participa de duas formas de memória, a individual, que envolve experiências pessoais e íntimas, e a coletiva, que é construída em conjunto com o grupo social ao qual o sujeito pertence que também contém as memórias individuais, isto é para o sujeito visitar o passado ele inconvenientemente acessa o outro. Assim, nossa identidade não se forma isoladamente, mas se constrói continuamente a partir de nossas relações e das lembranças compartilhadas com os outros.

Algumas pessoas dizem que sou introvertida, outras dizem que sou extrovertida e vão ter que as acham que sou ambivertida. Isso me fez perceber ao longo da minha jornada como indivíduo que a sociedade tem a necessidade de colocar o outro ou a si mesmo dentro de uma "caixa", pensando em cada um se encaixa conforme sua personalidade. Eu não me considero nenhuma dessas personalidades citadas, mas é que em determinados ambientes ou grupos eu não vou me "permitir" ser outra versão de mim. Logo penso, como posso ser apenas uma coisa, ter uma identidade fixa, quando sou formada por tantas outras.

Essas inquietações, me trouxeram a pensar sobre os diversos "eus" que alguém pode ter, não por decorrer do que pensam de mim, mas a minha formação como sujeito. Eu brinco dizendo que os achismos dos

outros me fazem duvidar se realmente eu sou o que me dizem que sou, mas foi a partir desses comentários comecei a pensar sobre as identidades fragmentadas que o sujeito pode ter. Essas inquietações me tiram a seguinte dúvida do *porque em determinados momentos eu não sou a mesma pessoa?*

Hall em seu livro irá discorrer sobre diversas concepções de identidade, destacando sobre as identidades modernas fragmentadas, o conceito de identidade no campo sociológico se torna complexo e difícil de definir.

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.[...] A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. (Hall, 2005, p. 14)

Ao trazer minhas inquietações, meus relatos, busco de alguma maneira trazer essas múltiplas facetas que o indivíduo pode ter. A complexibilidade do eu em construção, quando digo que não me permito ser outra versão de mim em determinados momentos, estou falando que a partir das influências da sociedade em questões de cultura e as interações me conduzem a agir de modo diferente em ambientes variados.

Assim, a identidade não é algo fixo, mas uma jornada em constante movimento. Cada memória, cada relação e cada momento que vivemos cooperam para a narrativa de quem somos.

2.2 ARTE NA NARRATIVA DO SUJEITO

"Dominar, cá temos de novo a expressão a que a consciência de poder que a arte dá ao homem sobre a natureza visível já tinha recorrido. Mas agora, pelo contrário, aplica-se ao mundo invisível das realidades que o homem vive dentro de si." (Huyghe, 1968, p. 15). A arte, em suas diversas

manifestações, vai além da estética e do entretenimento, ela age como uma forma de comunicação e de transformação social, cultural e individual. A arte é uma linguagem que trabalha diversas expressões permitindo o indivíduo interagir com o mundo, conhecendo-se a si mesmos e compreendendo o ambiente em que estão.

É fundamental entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos, ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem, e ao conhecê-lo. Em outras palavras, o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências. (Ferraz e Fusari, 2009, p. 18)

Ao proporcionar uma nova forma de perceber o mundo, a arte amplia nossas perspectivas e provoca reflexões profundas, tanto pessoais quanto coletivas. Através de suas linguagens, como a pintura, a música, a fotografia, o teatro e a dança, a arte proporciona que indivíduos façam leituras críticas de sua própria condição, desvendando aspectos antes invisíveis de suas vivências. Segundo Ferraz e Fusari, 2009, p. 20):

As obras artísticas são construções poéticas por meio das quais os artistas expressam ideias, sentimentos e emoções. Resultam do pensar, do sentir e do fazer, que por sua vez são mobilizados pela materialidade do mundo, constituindo-se um conjunto de procedimentos mentais, materiais e culturais. Podem concretizar-se em imagens visuais, sonoras, verbais, corporais, ou são apenas manifestações das próprias linguagens, como expressão e representação de algo.

A arte como agente transformador se manifesta na sua potencialidade de romper com o estado atual das coisas, de desafiar normas, convenções sociais, políticas e culturais, arte nos provoca. Um indivíduo ao criar ou apreciar uma obra, ele é fomentado, impulsionado a questionar suas percepções do mundo e de si, ele abre sua mente para pensar seu eu e sua relação com o mundo, o processo de reflexão pode gerar mudanças na forma como o sujeito se posiciona em relação à próprias vivências e a sociedade.

A fotografia, enquanto linguagem artística abordada neste trabalho como agente de mudança, proporciona a capacidade de captar e desvendar aspectos íntimos do indivíduo. O ato de se auto fotografar promove a consciência crítica e instiga reflexões acerca da realidade que nos rodeia, auxiliando na formação do "eu" em um processo dinâmico de autoconhecimento e reinterpretação de si mesmo a partir da relação do meu eu enquanto indivíduo e a sua relação com o ambiente inserido.

A memória lhes dá identidade, e a identidade os torna reais. Durante quase dois séculos a fotografia nutriu arquivos e coleções, acumulou informação da qual algum dia provavelmente alguém se servirá, mas o outro grande destino das fotos, os álbuns familiares e de viagens, remetem ao episódio dos replicantes no seu afã por construir um passado sobre o qual se assentar e edificar uma identidade. (Fontcuberta, 2014, p. 23).

Ao capturar momentos específicos e formar lembranças visuais, as fotos possibilitam que as pessoas construam sua própria história, reunindo e criando uma narrativa entre o passado e o presente em uma sequência contínua. O ato de registrar dá suporte ao sujeito a entender e estruturar suas vivências, criando uma base para a tomada de consciência de si mesmo e para a percepção da própria imagem. As fotos não se limitam a simples registros do passado, mas também desempenham um papel importante na formação de nossa identidade, baseada nas nossas memórias.

A formação do "eu" é um processo contínuo, que liga às vivências individuais e à interação com o ambiente social e cultural. O que me define como indivíduo é um conjunto de experiências, interações e percepções do mundo, que constantemente moldam e modificam minha identidade.

A identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais. Os processos sociais implicados na formação e conservação da identidade são determinados pela estrutura social. (Berger e Luckmann, 2004, p. 228).

Os autores destacam como a identidade do indivíduo não é algo estático, mas está sujeito à constante transformação, influenciado pelo contexto social e pelas interações que ele estabelece com o ambiente ao seu redor. A "cristalização" dita pelo autor sugere que, em certo momento, a identidade pode ter uma forma concreta, reconhecível tanto pelo próprio indivíduo quanto pela sociedade. No entanto, essa identidade cristalizada permanece sempre sujeita a mudanças, pois cada novo contato social, norma ou papel desempenhado pode impactar sua estrutura.

Ao trazer autorretrato para discutir essa formação do sujeito, essa prática nos possibilita evidenciar e se refletir, uma vez que o sujeito é incentivado a se observar de forma introspectiva, questionando suas percepções de si mesmo. Assim, a identidade se revela como um reflexo da estrutura social, sendo moldada e remodelada continuamente, valores e relações que permeiam o convívio social e que muda o espaço onde o indivíduo constrói a compreensão de si mesmo.

Em suma, neste subcapítulo trago a arte em um ponto inicial para pensar a formação do sujeito, no sentido que oferece um espaço abrangente para a expressão da subjetividade e a exploração da identidade. Ao dissertar sobre a arte como um processo de formação, especificamente a linguagem fotográfica, trago a tona tanto a identidade fragmentada quanto a realidade do sujeito, fomentando uma reflexão pessoal profunda, quando começa em mim o meu eu e quando começa o outro, ou seria como eu me formo enquanto indivíduo a partir das minhas vivências com o outro, "[...] o autorretrato seria uma representação da individualidade do próprio autor, e, portanto, pressupõe-se que funcione como uma reflexão sobre o universo particular do mesmo." (Rauen e Momoli, 2015, p.57). Partindo desse aspecto, o autorretrato fotográfico se destaca como uma prática que assegura ao indivíduo não apenas registrar sua aparência, mas também refletir sobre sua essência, suas memórias e suas múltiplas facetas.

Como discutido anteriormente a identidade não é algo fixo e imutável, ela está em constante transformação, sendo continuamente moldada pelas experiências e relações sociais. Nesse sentido, a arte

vem como um meio de captar essas múltiplas identidades que compõe o eu, o autorretrato, possibilita que o sujeito se retrate como deseja ser visto, permitindo a construção de uma narrativa visual de si mesmo, onde o sujeito se torna o narrador de sua própria história. Assim, o sujeito não apenas se vê como é, mas como deseja ser, e como quer ser visto, explorando sua identidade em sua pluralidade. Abreu (2011, p. 2800) irá dizer:

A construção inventiva de si mesmo reflete a relação entre a poética do artista e a vida social de cada época, ou seja, as exigências religiosas, as normas sociais, políticas e éticas que contribuíram para estabelecer maneiras do homem se portar no mundo.

Adiante a autora afirma que o autorretrato não se limita às questões entre indivíduo e sociedade, no período renascentista, por exemplo, os autorretratos expressavam uma concepção de identidade sólida e fixa. Com o passar do tempo, conforme a sociedade evolui, o indivíduo também muda junto a ela e, reciprocamente, à medida que o indivíduo se transforma, influencia a sociedade ao seu redor. A identidade é moldada essencialmente pelo ambiente onde vivemos e crescemos, e pelas relações que estabelecemos ao longo do tempo e no espaço. A base da nossa personalidade, enquanto indivíduos, está na Memória. É através da repetição e permanência de nossas experiências, aquilo que vemos, ouvimos e lemos, que nasce a consciência de quem somos (Azinheiro, 20014). Esse processo dinâmico indica que o mundo não se altera isoladamente, nem o indivíduo é imutável. Isto é, a identidade se constrói em uma relação constante e mútua entre o sujeito e o contexto histórico/social/cultural.

3 CONCEITO DE AUTORRETRATO

Início a pesquisa partindo da identidade e da memória, pois são nesses conceitos que compreendo que podemos desenvolver a autoimagem. O autorretrato é um retrato do indivíduo sobre ele mesmo, e parto dessa prática porque ela permite uma reflexão sobre si, uma pesquisa de identidade e memória, mostrando como nos construímos, desconstruímos e reconstruímos.

“O autorretrato é o espelho do artista. Nele se reflete sua imagem externa, assim como seu estado de espírito e sua própria maneira de ver a arte [...]” (Canton, 2009b, p.13). O espelho, é um espelho que reflete a alma, reflete nossa bagagem. É desse olhar ao espelho que retratamos a nós mesmos, é como nos revelamos ao mundo. Michel Foucault (2004), ao falar sobre "escrita de si" em uma prática de conversa de si consigo mesmo, o ato de escrever é se expor, se mostrar; nesse sentido, o autorretrato pode ser entendido como uma prática da escrita de si onde o sujeito não precisa necessariamente utilizar palavras para expressar quem é. A imagem torna-se, então, um meio de se revelar, permitindo que o indivíduo se “escreva” refletindo sobre si mesmo e sobre sua relação com o mundo ao redor.

A escrita como exercício pessoal feito por si e para si é uma arte da verdade díspar; ou, mais precisamente, uma maneira racional de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam seu uso. (Foucault, 2004, p.151).

Trago o autorretrato para discorrer sobre a narrativa do sujeito, pois essa abordagem nos dá um diálogo com a identidade. A autoimagem vai além de uma simples retratação da nossa forma física, ela

nos faz refletir sobre nossas experiências, seja nas nossas relações com outro, o emocional, ou cultural e até econômica. O sujeito tem o poder de narrar sua própria história explorando as subjetividades que o compõem, pois ele é único que pode falar da onde veio e onde está. O sujeito só se torna sujeito, no momento em que ele se reconhece como tal, quando olha para si de maneira reflexiva e crítica. Ao produzir um autorretrato, o indivíduo se coloca diante do espelho em que reflete sua identidade, suas memórias e as múltiplas camadas. Em suma, o autorretrato, vai além da mera representação visual, mas se transforma em um processo de autoinvestigação, no qual o sujeito explora sua própria existência, confronta suas experiências e articula suas singularidades.

Como citado no capítulo anterior Hall (2005) destaca a "crise de identidade" e uma "identidade fragmentada", indicando que o sujeito não possui mais uma identidade sólida, mostrando-nos que nossa identidade está em constante transformação. O autorretrato, nesse sentido, vem para explorar essas diferentes camadas do eu, proporcionando a oportunidade de se ver em construção, de compreender e expressar suas particularidades.

Katia Canton no livro *Espelho de artista (2009)*, começa falando que desde a pré-história a humanidade cria autorretratos, no sentido de que o indivíduo sempre busca deixar sua marca, de se comunicar e se fazer presente no mundo. Muitos artistas exploram o autorretrato para se fazer presente no mundo, se expressar através das pinceladas suas emoções e seus anseios. Cada artista se retrata por motivos diferentes.

E os artistas começaram a pintar seus próprios rostos. Isso porque eles também queriam: • deixar suas imagens gravadas para o futuro; • sentir que eram importantes como seres humanos e como profissionais; • expressar em suas pinturas o que sentiam internamente, suas emoções e os seus pensamentos • usar suas próprias imagens como pretexto para elaborar obras de arte, cuidando das obras, das pinceladas, dos contornos, das texturas. (Canton, 2009b, p. 7)

Frida Kahlo produziu inúmeros autorretratos, cada um contando um momento diferente de sua vida. Através de suas pinturas, podemos perceber não apenas sua realidade física, marcada por acidentes e limitações, mas também seu universo emocional e psicológico, onde a arte se torna um reflexo de sua experiência e de suas vivências.

A minha mãe não me podia dar de mamar porque a minha irmã Cristina tinha nascido apenas onze meses depois de mim. Fui amamentada por uma ama, cujos seios eram lavados imediatamente antes de eu mamar. Num dos meus quadros apareço, com cara de mulher adulta e corpo de criança, nos braços da minha ama, com leite a escorrer dos seios dela como se fosse dos céus. (apud Kettenmann, 1994, p.8).

Imagem 1. A Minha Ama e Eu, Frida Kahlo, 1937.



Fonte¹: Portal Urânia.

Devido ao nascimento de sua irmã, apenas onze meses após seu nascimento, Frida Kahlo não pôde ser amamentada por sua mãe e, por isso, foi alimentada por uma ama. A relação retratada no quadro transmite um distanciamento e frieza, limitada ao ato de amamentar, sem afeto. Essa impressão é reforçada pela falta de contato visual entre a criança e a ama, além da máscara que cobre o rosto da mulher.

Imagem 2. As Duas Fridas, Frida Kahlo, 1939.

¹ Disponível em : www.portalurania.com.br/minha-ama-e-eu-de-frida-kahlo . 05 nov. 2024.

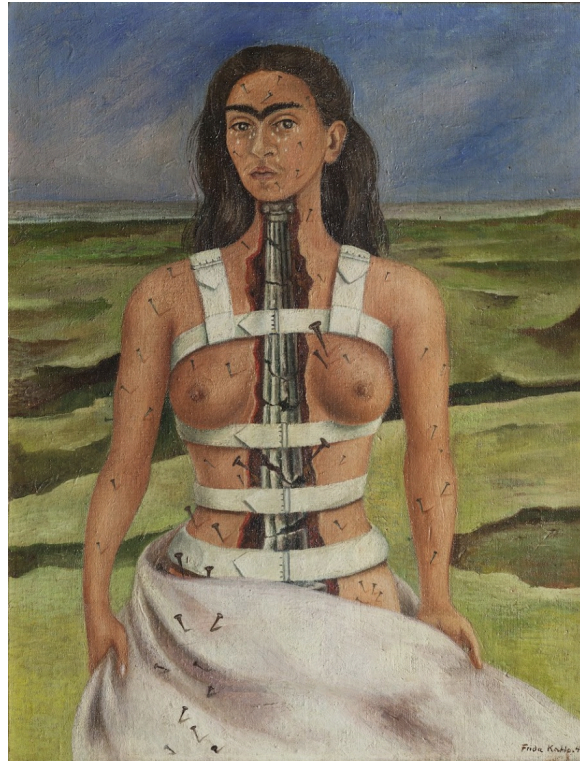


Fonte: Imagem tirada do Museu Frida Kahlo²

Outro autorretrato que conta um pouco de sua vida, é a obra *As duas Fridas*, onde a artista explora duas identidades, de um lado temos uma Frida de vestido branco no estilo europeu enquanto segura uma tesoura cortando a ponta da artéria referenciando a separação de seu marido e de outro lado a Frida em trajes mexicanos segurando uma foto de Diego Rivera (esposo). Ambas estão com seu peito aberto e seus corações conectados por uma artéria e atrás delas nuvens tempestuosas.

Imagem 3. A Coluna Partida, Frida Kahlo, 1944.

² Disponível em: <https://www.museofridakahlo.org.mx/frida/> . Acesso em 29 out. 2024.



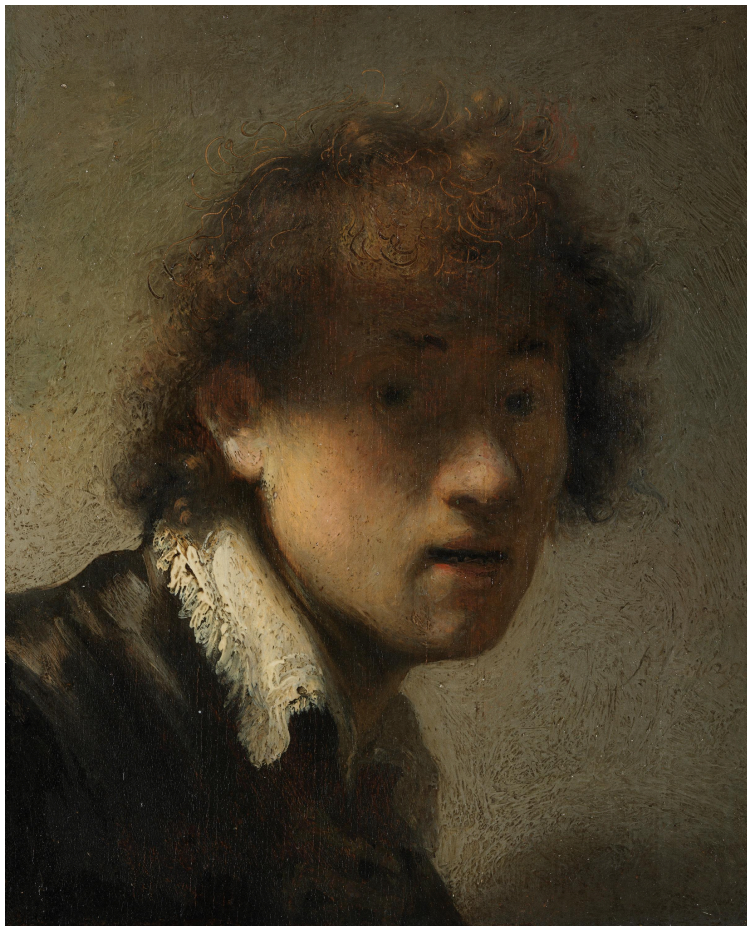
Fonte: Imagem tirada do Museu Frida Kahlo

O autorretrato "A coluna partida" retrata sua condição após um acidente onde o ônibus em que viajava colidiu com um bonde. Esta obra representa um momento de grande impacto na vida da artista. Podemos ver que Frida está aberta, mostrando no lugar da coluna, a sustentação do corpo, uma coluna jônica, enquanto em volta de seu corpo há algum tipo de faixa para auxiliar na sustentação. Por mais que a artista mostra uma postura forte, vemos em seu olhar profunda tristeza, enquanto escorre lágrimas por seus olhos.

“Pensaram que eu era uma surrealista, mas eu não era. Nunca pintei sonhos. Pintava a minha própria realidade.” Frida Kahlo (apud Kettenmann, 1994, p.48). Esses autorretratos não são apenas reflexos de quem Frida era, mas também de como ela lidava com as questões mais profundas de sua vida. Através das obras de Kahlo, podemos refletir sobre o autorretrato no sentido de um espelho da alma, em cada obra, Frida se revela, não apenas como artista, mas como uma mulher que usou sua arte para transformar suas experiências em narrativas poderosas.

Outro artista que produziu inúmeros autorretratos ao longo de sua vida foi Rembrandt Harmenszoon van Rijn, um grande referencial do barroco. O artista se destacou por sua habilidade em capturar a luz, a sombra e a profundidade emocional de seus temas. Seus autorretratos, que começaram quando ele ainda era jovem até sua velhice, formam uma espécie de diário de sua vida.

Imagem 4. Auto-retrato jovem, Rembrandt, 1629.



Fonte: Die Pinakotheken³

³ Disponível em: www.sammlung.pinakothek.de/de/search?phrase=rembrandt#filters= . Acesso em: 21 out. 2024.

Um de seus famosos trabalhos é o "Auto-retrato jovem" é um dos primeiros autorretratos do artista, por volta dos 23 anos. O jovem artista está curvado enquanto se apresenta com uma expressão séria, quase misteriosa, parcialmente imerso na escuridão, enquanto uma luz ilumina um lado de seu rosto.

Imagem 5. Autorretrato com Dois Círculos, Rembrandt, c. 1665-1669.



Fonte: Arte e Blog⁴

⁴ Disponível em: www.arteeblog.com/2014/10/rembrandt-late-works-exposicao-das.html. Acesso em 21 out. 202

Seus autorretratos representam uma espécie de diário e percorrendo a série de autorretratos que produziu podemos perceber que, além das diferentes idades do artista, Rembrandt retrata diversas situações, expressões, sentimentos, por vezes até seu caráter é revelado. (Rauen e Momoli, 2015, p. 65).

A obra "Autorretrato com dois Círculos" , um de seus últimos trabalhos, o artista se mostra envelhecido. Podemos ver a diferença nas pinceladas e nas expressões do artista em comparação com a obra "Auto-retrato jovem". Em seus autorretratos podemos perceber que o artista não só captura seu envelhecimento, como também traz em seu rosto as suas emoções ao longo de sua vida, de acordo com os acontecimentos que ocorrem nela.

Ao discorrer sobre os autorretratos de Frida Kahlo e Rembrandt Harmenszoon van Rijn, busco trazer que mesmo que suas abordagens e contextos culturais sejam diferentes, os dois artista utilizam o autorretrato como um meio de expressar a si mesmos em diferentes momentos de suas vidas. Frida, com sua narrativa de sua vida nos revela suas dores e desafios, enquanto Rembrandt explora o processo de envelhecimento. Cada obra captura uma representação única de um momento específico da vida dos artistas, e nenhum autorretrato produzido é igual ao outro. Isso porque nós, enquanto sujeitos, estamos em constante movimento, continuamente moldados por nossas experiências pessoais e o mundo ao nosso redor. Tanto Frida quanto Rembrandt nos trazem que a identidade não é algo fixo, mas uma construção em movimento, influenciada pelas circunstâncias pessoais e históricas em que estamos inseridos.

A partir de uma reflexão acerca das obras desses artistas, podemos pensar sobre a nossa própria noção de identidade. O autorretrato nos propicia a refletir sobre quem somos e como nos vemos, ao mesmo tempo em que revela a complexidade do nosso eu, onde estamos constantemente nos construindo e desconstruindo em resposta às constantes mudanças.

3.1 AUTORRETRATO NA LINGUAGEM FOTOGRÁFICA

Descartes propôs o "cogito, ergo sum", e seu contemporâneo Gassendi respondeu "ambulo, ergo sum". Descartes existia graças ao pensamento, Gassendi graças ao movimento e à ação. Hoje existimos graças às imagens: "imago, ergo sum." A adaptação desse corolário à nossa condição de homo pictor deriva em "fotografo, logo existo", porque não cabe dúvida de que a câmera se transformou em um artefato fundamental que nos incita a nos aventurarmos no mundo e a percorrê-lo tanto visual quanto intelectualmente: percebamos ou não, a fotografia também é uma forma de filosofia. (Fontcuberta, 2014, p. 12).

O livro *A câmera de pandora* de Joan Fontcuberta, inicialmente nos faz refletir que desde a nossa existência há um retrato nosso, quando nossos pais tiram fotos de nós bebês e ao decorrer do nosso crescimento, logo, também estamos fotografando o nosso mundo. Essa constatação de Fontcuberta, nos leva a compreender que a fotografia está intimamente ligada à nossa própria construção identitária. Desde o início de nossas vidas, somos sujeitos da fotografia, desde as primeiras fotos tiradas por nossos pais até o momento em que passamos a usar a câmera como uma ferramenta para capturar o mundo ao nosso redor. Tiro disso, o ato de fotografar, vai além de um registro de momentos, mas se torna um meio para mediar a forma como nos percebemos e como nos apresentamos ao mundo. Com o passar dos anos a evolução tecnológica permitiu a acessibilidade das câmeras, fotografar tornou-se um ato cotidiano, natural.

Diante das contextualizações sobre identidade, memória e autorretrato, este subcapítulo aborda o autorretrato fotográfico a partir de uma perspectiva que permite o sujeito capturar a si mesmo de forma imediata. A linguagem fotográfica não pretende suprimir outras práticas artísticas, mas sim estimular as pessoas que vivem em uma era digital a pensar nas imagens capturadas de maneira diferente.

Como dito anteriormente o autorretrato é sobre revelar o meu eu, me externar. O autorretrato fotográfico não é mais a ideia de me pintar, mas de me pôr em frente da câmera, é usar o meu corpo para

me retratar. O sujeito narrador busca compreender e desdobrar partes ocultas de si, a autoimagem fomenta um espelho onde o indivíduo explora suas complexibilidades que formam o seu eu.

A fotografia permite ao sujeito revisitar memórias e contextos que fazem parte da sua história, ao mesmo tempo em que constrói novas narrativas sobre si. O ato de se fotografar para criação de um autorretrato é também um ato de escrever a própria história, continuamente moldada pela memória e pela percepção de si. Neste subcapítulo irei discorrer especificamente o autorretrato fotográfico, buscando essa percepção do instantâneo, dialogando com o conceito de identidade e memória.

Fotografar captura um momento, mesmo que tentamos refazer aquela imagem ela nunca será a mesma. Penso na famosa frase do filósofo Heráclito de Éfeso "Tu não podes descer duas vezes no mesmo rio, porque novas águas correm sempre sobre ti". (apud Pessanha, 1996, p. 32), partindo dessa frase reflito sobre a essência efêmera do indivíduo e do ato fotográfico, sendo um recorte de um determinado momento, na busca pelo registro permanente, que uma vez capturada não existe mais. O sujeito que fotografa também muda nesse processo, no sentido que suas experiências, pensamentos e sentimentos se desenvolvam, tornando o diferente do que era a cada instante. Assim como as águas do rio (imagem/foto) não são mais as mesmas, o sujeito (fotógrafo) que entra nelas também não é, pois tudo está em constante transformação.

A fotografia, atualmente, é um dos caminhos mais utilizados para demonstrar um novo modo de percepção, e a oposição eterno/efêmero são problematizados pela contemporaneidade. Porém, percebemos que estas questões estão extremamente ligadas à nossa realidade, na qual as notícias de ontem já estão ultrapassadas. Por meio da fotografia é possível dialogar com o passado e as memórias ou fatos que já se concretizaram. (Júnior, 2015, p.10).

A foto, sendo o registro um instante, abre espaço para um diálogo entre o passado e o presente. Ao revisitar uma imagem, não estamos apenas observando uma representação estática de um momento, mas com

um olhar do meu eu presente ressignifica essas memórias e experiências. O ato de fotografar é um processo na construção de identidade, onde o sujeito se percebe em constante transformação, como dito por Heráclito, sobre a vida em constante transformação. Assim o eu de agora que vista a imagem do passado não é mais o mesmo que estava nela.

Será, portanto, necessário traduzir em imagens. *Escrita interior em imagem*. A memória será visual ou não. Mas o exercício visual dessa memória será feito em *pensamento*. Tudo está aí. E é por aí, sem dúvida, que a arte da memória alcança a fotografia (*imagem mental*) [...]. (Dubois, 2003, p.316)

Essa interação entre o eu de agora e a memória, dialogada pela fotografia, permite uma reflexão profunda sobre nossa identidade efêmera e a permanência da imagem, segundo Dubois (2003) nossa memória é feita de fragmentos visuais, como se fossem fotografias. Mesmo que a imagem fixe um momento, o sujeito que fotografou e que a revisita segue em constante mudança.

Vivian Maier e Cindy Sherman são duas fotógrafas que, embora tenham trabalhado em períodos e de estilos diferentes, em meio aos seus trabalhos produzem autorretratos que nos fazem refletir sobre a captura da identidade humana. Enquanto Maier em suas capturas de imagens traz um rastro da história social e cultural da época através do seu cotidiano. Sherman, por outro lado, é uma artista que explora a construção da identidade, questionando a representação da mulher na sociedade. Suas obras são uma crítica à cultura popular e o papel da mulher na sociedade.

Cindy Sherman (1954) é uma artista norte-americana e uma grande referência no arte pós-modernismo. Seu trabalho é marcado por inúmeras séries de retratos e autorretratos sem títulos, nos quais explora estereótipos femininos e diversidades identitárias. Como afirma Cotton (2010, p. 193): "[...] a "feminilidade" é uma construção de códigos culturais e não uma qualidade naturalmente inerente e essencial às mulheres." Nos autorretratos de Sherman, percebe-se que a identidade pode ser performada e

transformada de diversas formas. Ela explora papéis e estereótipos relacionados à identidade e gênero, representando a construção social da realidade.

Imagem 6. Sem título #465, 2008, Cindy Sherman.



Fonte: MoMA⁵

⁵ Disponível em: www.moma.org/calendar/exhibitions/1154 . Acesso em: 8 nov 2024.

Imagem 7. Sem título #359, 2000, Cindy Sherman.



Fonte: MoMA.

A artista sendo sua própria modelo e fotógrafa, Sherman, constrói autorretratos para explorar as construções de identidade, onde assume diversos personagens que podemos ver muitas das vezes, em filmes de Hollywood, na moda e pinturas. Artista cria esses personagens genéricos nos fazendo questionar os estereótipos visuais presentes na mídia e na história da arte.

Essa confluência de papéis, em que Sherman é tanto tema fotografado como sua criadora, é um modo de visualizar a feminilidade que desafia algumas questões suscitadas por imagens de mulheres, com quem está sendo representada e por quem está sendo construída essa projeção do "feminino". (Cotton, 2010, p. 193).

A partir dos autorretratos abordados pela artista, entendemos que ela busca muito além de uma verdade sobre si, mas como as imagens e as personalidades podem ser construídas, manipuladas e interpretadas.

Vivian Maier (1926-2009) nasceu em Nova York, mas passou parte de sua infância na França e retornou aos EUA na adolescência. Maier trabalhou grande parte de sua vida como babá, em seu tempo livre fotografava as ruas de Chicago até por volta de 1990, produzindo mais de 100.000 negativos. As fotos de Maier podem ser caracterizadas como fotografia de rua, onde captura cenas cotidianas a sua volta, ela tem inúmeros autorretratos, onde através de espelhos e vitrines ela se fotografava e a seu redor ao mesmo tempo.

Imagem 8. Auto-retrato, 1955, Vivian Maier.



Fonte: Vivian Maier⁶

⁶ Disponível em: <https://www.vivianmaier.com> . Acesso em: 03 nov 2024.

Imagem 9. Auto-retrato, década 1950, Vivian Maier.



Fonte: Vivian Maier

Gosto de pensar e dialogar como os autorretratos de Vivian Maier, com a fala de Canton (2009a) sobre sermos nós mas também sermos os outros⁷, no sentido que ao se autofotografar, Maier não busca a captura apenas de si, mas os cenários, as histórias que fazem parte das vivências dela. Maier faz parte da imagem ao mesmo tempo que seu "eu" comunica-se com seu redor.

⁷ Pág. 19.

Através dessas duas artistas examina-se como artistas contemporâneos empregam a linguagem fotográfica para expressar sua identidade e expor-se ao mundo. Sherman através das maquiagens e figurinos, compõe uma autoimagem fazendo uma crítica de como os estereótipos femininos e de gênero influenciam na construção da sociedade e logo a sociedade faz parte na nossa formação de identidade. Maier nos traz outra perspectiva da autoimagem, mostrando em seus trabalhos que ao se fotografar está fotografando o outro, usando vitrines e espelhos pelas ruas que passa, nos oferecendo um diálogo entre eu e a cultura/pessoas à minha volta. O autorretrato fotográfico, tanto nas obras de Sherman quanto nas de Maier, revela a dinâmica entre o "eu" e o "outro", reforçando a noção de que a identidade é uma construção mútua, onde a imagem de si mesmo está sempre em diálogo com o mundo externo. Essas abordagens distintas nos revelam como o autorretrato fotográfico pode ser um meio de autoconhecimento e reflexão sobre o papel do indivíduo na sociedade, ao mesmo tempo que explora como a identidade se constrói na interação entre o eu e o outro.

No projeto *Auto-retrato, Espelho de artista*, por curadoria de Katia Canton (2001), no decorrer do trabalho é apresentado temas como identidade, memória e subjetividade, mobilizando e provocando reflexões ao público sobre sua própria vida e seu mundo. O trabalho nos leva a compreender o autorretrato não apenas como uma prática artística, mas como uma jornada de autoconhecimento e transformação. A exposição apresenta vários artistas na prática do autorretrato em diferentes contextos históricos e de diferentes linguagens artísticas, a partir do trabalho de Canton, irei trazer alguns artistas que utilizam da linguagem fotográfica para seus autorretratos.

Lourdes Colombo, em uma série de autoimagens fotográficas, faz uma instalação onde ela aparece refletindo sua imagem em um espelho, fazendo uma referência ao mito de Narciso⁸. "É no jogo

⁸ O mito de Narciso conta a história de um jovem que, ao se apaixonar pelo próprio reflexo em um lago, torna-se obcecado por sua imagem, incapaz de se afastar.

auto-reflexivo dos papéis devotados à mulher em diferentes tempos, culturas e situações cotidianas que a artista retira a matéria-prima para sua obra.” (Katia Canton, 2001, p.67).

Imagem 10. Reflexos, Lourdes Colombo, 1998.



Fonte: Lourdes Colombo⁹

Outro trabalho presente na exposição, que aborda o autorretrato fotográfico, é da artista Renata Barros, na instalação em questão a artista pendura uma imagem dela em uma toalha de borracha suspensa de cabeça para baixo. “Renata Barros ironiza os processos científicos de clonagem genética, batizando

⁹ Disponível em: <https://www.lourdescolombo.com/reflexos> . Acesso em: 29 out. 2024.

uma série de obras com o título "Clonagem". Na exposição, ela mostra uma toalha, feita em látex, com a imagem da artista clonada." (Canton, 2002, p. 73).

Imagem 11. Clonagem, Renata Barros, 1997.



Fonte: Acervo pessoal¹⁰

¹⁰ Foto: Imagem tirada do livro *Espelho de Artista [autorretrato]* da autora Katia Canton.

A exposição trabalha com mais de 20 artistas explorando o autorretrato através de diferentes formas e linguagens artísticas. Cada obra busca expressar a identidade dos artistas, revelando aspectos íntimos e subjetivos, como emoções, experiências pessoais e questões sociais através da imagem.

Considerar a imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale, como já dissemos, a considerá-la como uma linguagem e, portanto, como uma ferramenta de expressão e de comunicação. Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre consiste em uma mensagem para o outro, mesmo quando esse outro somos nós mesmos. (Joly, 1996, p.55).

A exposição nos faz pensar nas diferentes formas de elaborar um autorretrato, os autorretratos da linguagem fotográfica, nos mostra as diferentes maneiras de como podemos usar o nosso corpo/nossa imagem para nos autorretratar, na busca da construção de nossa identidade enquanto sujeitos individuais, mas que se constroem a partir do outro também. Segundo Canton (2001, p. 21) em seu projeto, irá dizer:

Dentro desse panorama de identidades híbridas, de movimento de embate do eu com o outro, o binômio identidade/anonimato torna-se peça de um jogo de comentários sócio-políticos que são materializados na arte contemporânea via transgressões de representação e estranhamentos ou "perturbamentos" diante do mundo, operados através da distorção de formas e de uma maneira idiossincrática de articular o próprio corpo.

Ao trazer a fotografia no sentido da captura de um instante, como memória e algo passageiro, estou pensando no ato fotográfico como uma ponte entre o passado e o presente, o meu eu do passado e com meu eu do agora onde o sujeito ao revisitar suas memórias com o olhar do hoje, ressignifica as experiências e reflete sua identidade. Quando observamos uma imagem do passado, já não somos os mesmos de quando o registro foi feito, o que destaca a fluidez da vida e a constante transformação do eu. A exposição

Auto-retrato, Espelho de artista, nos proporciona pensarmos a ideia do explorar da identidade, da memória e da subjetividade, de diversas formas e linguagens, promovendo uma reflexão sobre o modo como nos percebemos e representamos. Assim, busco dialogar o ato fotográfico e a exposição no sentido de trazer o autorretrato, especificamente, a linguagem fotográfica, como um meio para entender o eu em constante movimento. Ao fazer um autorretrato fotográfico, essa experiência de transformação se intensifica, na percepção em que permite ao sujeito se observar de diversas perspectivas, exteriorizando suas pluralidades.

4 CONHECE-TE A TI MESMO

"São considerados sapientíssimos dentre vós, ó homens, aqueles que, como Sócrates, tenham reconhecido que em realidade sua sabedoria não tem nenhum mérito". (Platão, 2000, p. 49).

Antes de começar a discorrer sobre como a máxima *Conhece-te a ti mesmo* e como ela se relaciona com o autorretrato, é de importância entender o contexto em que essa máxima foi tensionada, onde ela é dita.

A frase em si não foi dita por Sócrates, mas está escrita na entrada do templo de Apolo, na cidade de Delfos, sendo atribuída também a outros filósofos. Falo de Sócrates, pois foi por meio do filósofo que conheci a máxima, e por está relacionado a outra frase atribuída pelo mesmo "só sei que nada sei".

Dando uma breve contextualização segundo o livro *Apologia de Sócrates Banquetes* escrito por Platão, Sócrates, foi considerado o homem mais sábio. O livro fala que um dos discípulos do filósofo foi a Delfos para consultar os oráculos na busca de saber quem era o homem mais sábio, deus Apolo preferiu através da sibila¹¹ que Sócrates era o tal dentre os homens. Ao saber de tal constatação, o filósofo, logo negou-se ser o homem detentor de todo conhecimento.

Neste capítulo, ao relacionar a máxima "Conhece-te a ti mesmo" com a prática do autorretrato e o ato fotográfico, podemos criar um diálogo acerca de entender esses temas estão em um caminho de exploração do eu. Sócrates, por meio de seus diálogos buscava estimular o pensamento através do questionamento, da mesma forma, o autorretrato oferece ao artista um processo introspectivo, onde a

¹¹ *substantivo feminino* 1. entre os antigos, mulher a quem se atribuíam o dom da profecia e o conhecimento do futuro. 2. profetisa, bruxa, feiticeira.

arte se torna um meio de investigação do eu e a fotografia traz essa percepção do passageiro e da mudança.

4.1 O ATO DE FILOSOFAR, AUTOIMAGEM, FOTOGRAFIA

No discorrer sobre o autorretrato, menciono a busca pela compreensão de uma identidade ou a identidade fragmentada como afirmado por Stuart Hall, falo também sobre os artistas se exteriorizando, se pintando e se fotografando, falo sobre o autoconhecimento, uma reflexão de si.

Venho relacionar a máxima atribuída ao filósofo Sócrates "Conhece-te a ti mesmo" com o autorretrato fotográfico. Destaco que o foco principal desta pesquisa não é dissertar sobre a filosofia, mas sim trazer uma breve análise de como a frase pode vir como uma chave para a auto reflexão na construção da autoimagem. Mas é imprescindível não dar uma contextualização da filosofia pois é dela que surge os questionamentos, Oliveira (2006, p. 13) diz:

Para o estudo do que é filosofia devemos partir de três pressupostos básicos: 1º) Que a *filosofia é uma atividade especificamente humana*. O ser humano é que filosofa na sua relação com o mundo. 2º) Que a *filosofia se apresenta com uma estrutura teórica, conceitual, mas não está desvinculada da prática, da vida, da realidade*, na medida em que é nela que se fundamenta. [...]

Relaciono esses pressupostos no sentido de que a filosofia é um ato humano, juntamente com a fala da Canton (2009a), sobre a necessidade do ser humano de se fazer presente no mundo, deixar seu registro.

O ponto que levanto da frase, não é de conhecimentos científicos, mas sim um conhecimento interno, a consciência de si mesmo. Sócrates ao afirmar que nada sabe, é justamente pelo fato de se conhecer, ao reconhecer sua ignorância foi então considerado o homem mais sábio pelos deuses.

Ao trazer à luz a sua interioridade, o ser humano traz seu conhecimento, a sua forma de conceber as coisas. Pelo "conhece-te a ti mesmo" o ser humano alcança o despertar da sua consciência e o conhecimento de sua virtude (areté), por isso, para Sócrates, a vida sem reflexão não é digna de ser vivida (Oliveira, 2006, p. 18).

Eu utilizo desta máxima para discutir questões de identidade, se auto descobrir, no sentido que a partir do momento que o sujeito reconhece que nada sabe, conseguirá buscar o conhecimento verdadeiro. Esse conhecimento, porém, não é universal, mas sim pessoal, o sujeito para se conhecer, tem que reconhecer que nada sabe sobre si, para uma imersão pela busca do eu, a sua verdade.

Neste subcapítulo, proponho abordar a frase atribuída a Sócrates, não seguindo uma linha de conhecimento formal, mas uma perspectiva do sujeito no processo de introspecção, a busca pelo conhecimento de si, no caso desta pesquisa, a manifestação através da imagem, através do autorretrato fotográfico.

O autorretrato é uma maneira de exteriorizar o "eu". Ao reconhecer a complexidade do próprio ser, este entendimento abre espaço para o processo de criação de uma autoimagem, no qual o sujeito aceita a profundidade de sua própria identidade, compreendendo que ela não é algo fixo, mas está em constante transformação. Um reconhecimento de que existem partes de nós ainda não totalmente compreendidas.

O conhecimento de si mesmo implica o conhecimento das próprias faltas e carências e a verdadeira sabedoria consiste em admitir a própria ignorância, em eliminar as falsas opiniões e os conceitos errôneos, em abrir o espírito para chegar ao conhecimento verdadeiro. (Platão, 2000, p.22).

Tendo como referência os termos de construção de identidade, o autorretrato fotográfico não registra apenas uma imagem deixando a estática como também capta uma imagem em dinâmica de um eu em constante transformação. O ato de fotografar a si mesmo proporciona uma experiência de autoconhecimento que ultrapassa a representação física, incentivando uma reflexão introspectiva sobre quem somos. Ao trazer a máxima de Conhece-te a ti mesmo, junto ao autorretrato fotográfico diálogo sobre um convite a continuar a investigação, a questionar o que vemos e a reinterpretar nossa própria imagem à medida que evoluímos e não uma resposta definitiva de quem nós somos, tomando consciência sobre uma reflexão sobre a influência das nossas próprias experiências e relação na construção de quem somos.

Ao criar sua própria imagem, o indivíduo não está apenas mostrando ao mundo uma aparência física, mas também está revelando, questionando partes de sua identidade. Segundo Joly (1996, p. 59) "a imagem também pode servir de instrumento de intercessão entre o homem e o próprio mundo", a autora nos traz uma perspectiva sobre a imagem passar além de uma mensagem, mas uma compreensão da imagem como uma medição para percorrer o eu e o meu mundo. O autorretrato, nesse contexto, não representa um "eu" definitivo, mas sim uma tentativa de capturar um momento nessa jornada de autoconhecimento, cada autorretrato pode ser visto como uma fragmentação do eu.

Mediante ao exposto, ao relacionar a frase "Conhece-te a ti mesmo" com a prática do autorretrato fotográfico, o que se propõe é uma abordagem reflexiva, em que o autoconhecimento surge não como um destino final, mas como um processo contínuo de descoberta e redescoberta, de construir e desconstruir.

5 PROJETO DE CURSO

5.1 Informações gerais

Tema: Autorretrato fotográfico: Explorando o eu em construção

Público alvo: Professores

Duração: 4 horas

Ementa: Promover a formação contínua de professores para integrar o autorretrato fotográfico em práticas educacionais, como um meio para a compreensão de autoconhecimento e reflexão, promovendo uma prática pedagógica mais sensível e reflexiva.

5.2 Justificativa:

Um aluno de treze anos, que decidiu começar ele próprio a se desenhar, confiava: « Descobri como olham-me. Finalmente encontro-me. Vejam as linhas traçadas: lancei o meu eu sobre o papel, e desde esta tarde sinto-me aliviado.» Por sua vez, uma estudante de quinze anos analisava-se: «Nunca mais me sentirei só; vou tentar observar melhor as belezas da natureza... tentar fazer linhas que sejam a expressão do meu eu.» (Huyghe, 1996, p. 14).

A passagem de Huyghe afirma o poder da arte no processo de autoconhecimento. Nos depoimentos dos alunos é evidenciado como o autorretrato, pode ser além de ser um exercício estético, mas transforma-se em um ato de auto reflexão e encontro com meu eu. Como mencionado, a arte na formação do sujeito é um tema que emergiu das minhas vivências escolares, percebi que embora os docentes frequentemente incentivem os alunos a olharem para o próximo, a auto-reflexão é muitas vezes negligenciada. Reforço, o olhar ao próximo é essencial para uma visão de mundo ampla e empática, mas creio que para olhar e

entender o outro, tenho que me conhecer primeiro. Essa percepção foi confirmada ao longo da minha vida em situações cotidianas, essas experiências revelaram o desconhecimento sobre quem realmente sou.

Esse incômodo pessoal motivou a pesquisa sobre o autorretrato como uma linguagem artística valiosa no processo de formação do sujeito. Ao olhar para si mesmo através do autorretrato fotográfico, o indivíduo é desafiado a buscar e compreender de onde veio, onde está e como se posiciona no mundo. O autorretrato fotográfico permite uma investigação profunda da identidade, funcionando como uma linguagem contemporânea para o desenvolvimento da narrativa do "eu" em construção. Ele possibilita ao sujeito ampliar sua consciência sobre si mesmo e, ao mesmo tempo, entender sua relação com o ambiente ao redor.

O campo da Arte está para além das habilidades técnicas, ela também fomenta aos estudantes uma maior compreensão de si mesmo e por tanto do mundo ao seu redor. Como a pesquisa se deu por meio das minhas experiências, neste contexto, o projeto será desenvolvido com professores, ao utilizar o autorretrato fotográfico como meio para pensar a identidade, os docentes podem ampliar sua consciência sobre quem são e como interagem com seus alunos e o mundo. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância do autoconhecimento, dizendo:

Ela é, também, propulsora da ampliação do conhecimento do sujeito sobre si, o outro e o mundo compartilhado. É na aprendizagem, na pesquisa e no fazer artístico que as percepções e compreensões do mundo se ampliam e se interconectam, em uma perspectiva crítica, sensível e poética em relação à vida, que permite aos sujeitos estar abertos às percepções e experiências, mediante a capacidade de imaginar e ressignificar os cotidianos e rotinas. (Brasil, 2018, 482).

Este projeto propõe explorar como o fotografar pode ajudar os professores a ressignificar suas experiências pessoais e profissionais, promovendo um ensino mais reflexivo e empático.

Será desenvolvido uma oficina teórico-prático, abordando os conceitos de autorretrato, autorretrato fotográfico, identidade e memória. Buscando investigar a relação entre arte, memória e identidade no processo de formação do sujeito, destacando como a prática do autorretrato fotográfico pode ser uma poderosa linguagem artística para a reflexão si. A BNCC reforça a importância deste autoconhecer dizendo que "conhecer-se e lidar melhor com seu corpo, seus sentimentos, suas emoções e suas relações interpessoais, fazendo-se respeitar e respeitando os demais;" (Brasil, 2018, 466), como evidenciam as falas dos alunos sobre o encontro consigo mesmos, o autorretrato possibilita essa abordagem do autoconhecimento, e, a partir dele, o indivíduo é capaz de desenvolver uma visão mais empática para o mundo ao seu redor. O resultado desse processo não se limita à imagem capturada, mas sim uma compreensão mais profunda do "eu" que emerge e se revela a partir dessa experiência reflexiva.

5.3 Objetivo geral:

Capacitar professores a utilizarem o autorretrato fotográfico como ferramenta pedagógica para fomentar o autoconhecimento, a reflexão sobre identidade e a compreensão do papel da memória no processo educacional.

5.4 Objetivo específico:

- Refletir sobre a construção da identidade e o papel da memória no entendimento do presente, utilizando as teorias de Stuart Hall e Ecléa Bosi como referencial teórico.

- Analisar o autorretrato e a fotografia como expressão artística de identidade, a partir das obras de Frida Kahlo, Rembrandt, Cindy Sherman, Vivian Maier e a exposição *Auto-retrato, espelho de artista* contextualizando o autorretrato em diferentes momentos históricos.
- Proporcionar aos professores a experiência de criar autorretratos fotográficos, incentivando o autoconhecimento e a relação entre suas histórias pessoais e suas práticas pedagógicas.

5.5 Metodologia:

O projeto será desenvolvido em duas etapas teórica e prática, visando explorar o autorretrato fotográfico como meio de construção da identidade:

Primeiro momento (teórico)

A oficina começará com uma breve apresentação do projeto e de seus objetivos, seguida por uma contextualização teórica sobre os conceitos de identidade e memória. Durante esse momento, serão apresentadas referências de autores como Stuart Hall e Ecléa Bosi, enfatizando que a identidade é um processo em constante transformação e que o resgate da memória é essencial para compreender o presente. Os conceitos de autorretrato serão introduzidos a partir das obras de Frida Kahlo e Rembrandt, ressaltando como cada artista abordou o autorretrato a partir de suas vivências e do contexto histórico em que estavam inseridos. Em seguida, será explorado o autorretrato fotográfico, com ênfase na contemporaneidade, trazendo exemplos de artistas que utilizam a fotografia como meio de expressão de sua identidade, como Cindy Sherman e Vivian Maier, discutindo sobre como o autorretrato pode ser usado como ferramenta pedagógica no contexto escolar.

Segundo momento (prático)

Após o debate teórico sobre autorretrato (fotográfico), identidade e memória no contexto escolar, os professores serão convidados a criar seus próprios autorretratos utilizando da linguagem fotográfica, levando em consideração os conceitos debatidos. A prática será uma oportunidade para os docentes explorarem suas percepções sobre si mesmos, traduzindo suas experiências e emoções em imagens. Durante a criação dos autorretratos, a ênfase será dada ao processo de reflexão e autoconhecimento, mais do que ao produto final. Ao final da atividade, será feita uma roda de conversa para o compartilhamento das experiências e reflexões, explorando como a prática pode ser aplicada em sala de aula.

6 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, procuramos compreender como o processo de criação do autorretrato fotográfico contribui para a compreensão da formação de uma identidade em constante construção, em um contexto onde o sujeito se encontra sempre em diálogo com seus múltiplos "eus". É possível observar como o autorretrato fotográfico vai além de uma mera representação física, ela age como uma linguagem visual articulando a identidade, memória e introspecção.

A máxima "Conhece-te a ti mesmo", neste estudo enfatiza que a construção da identidade é um processo constante, onde o "eu" é moldado pela interação entre a memória e o olhar introspectivo do meu de agora, isso a partir do momento em que admito que nada sei sobre o meu eu, alinhando-se às teorias de Stuart Hall sobre a identidade fragmentada e Ecléa Bosi sobre a memória, num diálogo constante entre o presente e o passado, em que as memórias e experiências se entrelaçam nos revelando as múltiplas facetas do eu. Dialogando com a fotografia, a frase traz uma linguagem capaz de mobilizar memórias e sentimentos, aproximando o sujeito de suas múltiplas facetas, que emergem conforme produz sua autoimagem. Assim, a criação do autorretrato fotográfico se mostra como uma prática de constante construção e desconstrução, onde a identidade é percebida como fragmentada e instável, permitindo que o indivíduo revele suas subjetividades e se aproxime de uma compreensão mais profunda de si mesmo.

A metodologia a/r/tográfica adotada para esta pesquisa, ao integrar práticas de ensino, pesquisa e criação artística, foi essencial para unir teoria e prática, abrindo espaço para a experiência direta com a arte. Esse processo promoveu um diálogo entre o ato de fotografar e o texto, permitindo que a identidade fosse compreendida não como um conceito fixo, mas como uma "poética do eu". A análise dos trabalhos de artistas como Frida Kahlo, Rembrandt, Cindy Sherman e Vivian Maier exemplifica como o autorretrato pode ser utilizado para explorar a identidade, evidenciando as complexidades e nuances de cada sujeito. Ao incluir esses artistas, demonstra-se que o autorretrato pode ser explorado de diversas maneiras: Cindy Sherman, por exemplo, utiliza maquiagem e figurinos caricatos para provocar reflexões sobre os estereótipos femininos, enquanto Vivian Maier fotografa-se em vitrines, incorporando não apenas sua própria imagem, mas também o mundo ao seu redor. Isso evidencia que cada artista se vê de forma única, já que somos indivíduos diferentes, e, portanto, os autorretratos também serão distintos.

Ao propor um projeto de curso voltado para professores, baseio-me na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento norteador da prática docente. O autorretrato é destacado como uma estratégia pedagógica que utiliza ferramentas presentes no cotidiano dos jovens, como o aparelho celular, para promover o autoconhecimento e a reflexão crítica. Ao explorar a criação da autoimagem por meio da linguagem fotográfica, o projeto busca capacitar os professores a incentivar seus alunos a refletirem sobre suas individualidades e pluralidades, integrando os recursos digitais às práticas educativas de forma sensível e significativa.

Desta forma, ao final da pesquisa, percebemos que o autorretrato fotográfico atua não apenas como um registro da aparência física, mas também como um registro do "eu" em constante transformação, espelhando as memórias e as narrativas pessoais de cada indivíduo. A prática explorada ao longo da pesquisa revelou como o ato de se fotografar pode contribuir para o processo de autoconhecimento, especialmente em um ambiente educacional, onde os alunos têm a oportunidade de investigar quem são em

um espaço de liberdade expressiva. A fotografia se mostra através dessa pesquisa uma linguagem importante na educação contemporânea, conectando o indivíduo com seu interior e incentivando a reflexão sobre sua própria existência e identidade, usando também de ferramentas presentes no cotidiano dos jovens. Assim, o autorretrato fotográfico ultrapassa a aparência estética, para ser uma prática investigativa e educativa que fomenta o autoconhecimento, convidando o sujeito a explorar sua própria subjetividade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Simone Rocha de. **AUTORRETRATO: INVENTANDO A SI MESMO**, 2011, Rio de Janeiro. **20° Encontro da Associação Nacional dos Pesquisadores em Artes Plásticas**. Rio de Janeiro: Anpap, 2011. Disponível em: www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/chtca/simone_rocha_de_abreu.pdf. Acesso em: 13 set. 2024.
- AZINHEIRO, Mário Rui da Silva Santos. **Autor-Retrato: um caminho didático para a identidade pessoal e artística das artes visuais**. 2014. 266 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Ensino de Artes Visuais, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2014.
- BERGER, Peter. L; LUCKMANN, Thomas. **A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE: tratado de sociologia do conhecimento**. 24. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. Tradução de Floriano de Souza Fernandes.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia de Letras, 2006.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.
- CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2009a. (Temas da arte contemporânea).
- CANTON, Katia. **Espelho de artista**. 3. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2009b. (Coleção Mundo de artista).
- CANTON, Katia (curadoria). **Auto-retrato: espelho de artista**. São Paulo: Usp Universidade de São Paulo,

2001. Disponível em: file:///C:/Users/Usuario/Downloads/KatiaCanton%20-%20curadoria.pdf. Acesso em: 28 out. 2024.

CUSTÓDIO JÚNIOR, Francisco. **A Fotografia e a Moda das Selfies**: uma análise da evolução do autorretrato. 2015. 14 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

DIAS; Belidson e IRWIN, L. Rita (org.). Pesquisa educacional em arte: a/r/tografia. Santa Maria, Rs: Ed. Ufsm, 2013.

DUBOIS, Philippe. **O Ato Fotográfico e Outros Ensaio**s. 7. ed. São Paulo: PAPIRUS, 2003. Tradução Marina Appenzeller.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Metodologia do ensino de arte**: fundamentos e proposições. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 144-162. (Coleção Ditos e Escritos; V). Tradução: Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. Disponível em: https://www.historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Foucault-A_escrita_de_si.pdf. Acesso em: 15 out. 2024.

FONTCUBERTA, Joan. **A Câmera de Pandora**: a fotografia depois da fotografia. 1.ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2010. Tradução Maria Alzira Moroni.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo : Atlas, 2008.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2006. Tradução de Beatriz Sidou.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro.

HUYGHE, René. **O poder da imagem**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1968.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. 4. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2001. Tradução Marina Appenzeller.

KETTENMANN, Andrea. **Frida Kahlo: 1907-1954: dor e paixão.** Publicação: Benedikt Taschen, 1994.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da Educação: reflexões e debates.** 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

PESSANHA, José Américo Motta (Consultoria). **Os pré-socráticos: vida e obra.** [s.n]. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates Banquete.** São Paulo: Martin Claret, 2000. 175 p. (Coleção a obra-prima de cada autor).

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno. IMAGENS DE SI: o autorretrato como prática de construção da identidade. **Revista Educação, Artes e Inclusão**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 51-73, 1 out. 2015. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/198431781112015051>. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/editorinclusao,+ImagensdeSiAutorretratos.pdf>. Acesso em: 06 out. 2024.